

A Pequena Glaciação na Tela

Alguns dos mais notáveis artistas do Norte da Europa recorreram ao óleo e ao pincel para retratar o clima associado à Pequena Glaciação: nublado, nevoso e húmido. Pieter Bruegel, o Velho poderá ter-se inspirado no gélido Inverno de 1565 para pintar o céu sombrio e esverdeado de Caçadores na Neve. Trata-se, como afirmou William Burroughs no jornal britânico *Weather*, de um dos primeiros retratos de uma paisagem nevada na arte europeia. Bruegel expandiu esta interpretação invernal a outros tópicos, incluindo *A Adoração dos Reis Magos*. Muitos artistas holandeses, nomeadamente Hendrik Avercamp, começaram a pintar imagens de tempo frio em meados do século XVII – um período de temperaturas glaciares na região.

Na Flandres, o Renascimento também introduziu um novo realismo na pintura dos céus. No início do século XV, Jan van Eyck foi um dos primeiros a retratar diferentes tipos de nuvens, reconhecíveis por um meteorologista dos nossos dias. Num estudo invulgar de 1970 publicado no *Weather*, Hans Neuberger quantificou o tratamento das nuvens por pintores europeus e norte-americanos. Depois de examinar mais de 12000 pinturas produzidas entre 1400 e 1667, guardadas em 41 museus de nove países, constatou que, até 1550 predominavam os céus azuis, e que estes deram lugar a nuvens baixas em mais de metade das pinturas posteriores a 1550. No entanto, Neuberger não tentou relacionar estas tendências com a Pequena Glaciação nem com as tendências artísticas da época.

Os paisagistas ingleses da Pequena Glaciação mantiveram-se fiéis ao clima nublado da sua ilha. Todos os céus ingleses examinados apresentavam, pelo menos, alguma nebulosidade. Na melhor das hipóteses o céu era de um azul pálido. J. M. W. Turner, artista romântico inglês, especializou-se no tempo enevoadado e em ocasiões impressionantes – estes poderão refletir as poeiras vulcânicas que conferiram tonalidades vivas ao Sol poente nos inícios do século XIX. No final do mesmo século, a gigantesca erupção do Karakatoa em 1883 provocou ocasiões tão esplendorosas que foram mencionados na imprensa de Londres e Nova Iorque. Segundo Donald Olson astrónomo da Universidade do Texas, o Karakatoa poderá ter inspirado a notável obra-prima *O Grito*, de Edvard Munch. O pintor afirmou ter-se inspirado num pôr-do-sol

“vermelho sangue” em Oslo, e que este parecia “um grito infinito que penetrava na natureza” – embora não tenha revelado quando é que essa experiência ocorreu. Se bem que a erupção do Karakatoa e *O Grito* estejam separados por uma década, Olson acredita que Munch viu um pôr-do-sol do Karakatoa e aguardou anos até pintá-lo.

As lendárias feiras sobre o rio Tamisa gelado, em Londres, foram retratadas em várias pinturas – incluindo *Uma Feira Sobre o Gelo do Tamisa na Escadaria do Templo* (1684), do pintor holandês Abraham Hondius. Estas feiras não eram, porém, muito frequentes. À exceção do tempo gelado de meados do século XVII, o Tamisa congelou apenas uma vez em cada vinte ou trinta anos entre 1400 e 1864 – a última vez que o fenómeno ocorreu. Além disso não foi o final da Pequena Glaciação que ditou o final das feiras sobre o gelo: por volta de 1830, a substituição da velha Ponte de Londres permitiu que as marés chegassem mais a montante no Tamisa e impedissem o seu congelamento.

Em Portugal, embora não tenham ficado impressos, em tela, esses céus glaciares, chegaram até nós vários assentamentos escritos que nos dão conta das dificuldades sentidas durante a Pequena Glaciação, nomeadamente através de assentamentos paroquiais que nos dão conta de paisagens cobertas por neve, em pleno mês de agosto, nas serras do Gerês, Montemuro e Estrela. Esses registos, dão-nos também conta de um aumento significativo da mortalidade infantil e uma diminuição dos casamentos, possivelmente como consequência das fomes que entretanto se registaram.

Referências:

APA – Agência Portuguesa do Ambiente (2009). Portuguese National Inventory Report on Greenhouse Gases, 1990-2007.

Carvalho A. (2008). Forest fires and air quality under a climate change scenario. Department of Environment and Planning. University of Aveiro. PhD.

Henson, R. (2009). Alterações Climáticas - Sintomas, Ciência, Soluções. Civilização Editores, ISBN 978-989-550-725-2. pp. 384. Porto.

Lopes, M. (2004). Alterações climáticas: avaliação económica no apoio à decisão política. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.